

Perdicæ poderá ter tido ao seu dispor. Assinala com muito interesse os elementos característicos do género trágico que se vislumbram neste epílio e salienta a multiplicidade de géneros poéticos nele implícitos. Juan Martos estuda um ciclo de poemas de Enódio de Pavia, cujo tema é uma taça que tem cinzelado o episódio de Pasífae e o touro. Conclui que possivelmente a taça conteria duas cenas, uma de um lado, a outro do outro, o que explicaria alguns elementos presentes nos epigramas. O último trabalho é de Juan Luis Arcaz Pozo. Examina como Maximiano, nas suas elegias, retoma elementos das convenções literárias, herdadas de Tibulo, Propércio e Ovídio, os transforma e os adapta no seu discurso poético. Os habituais índices e bibliografia completam o volume.

No seu todo, o volume oferece uma perspectiva global e bem articulada de aspectos relevantes na forma como a produção poética tardo-antiga recuperou elementos da tradição literária e os converteu em novas formas e contextos. A sua leitura abre perspectivas novas no fascinante domínio da poesia da Antiguidade Tardia.

PAULO FARMHOUSE ALBERTO
 Centro de Estudos Clássicos da
 Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
 palberto@campus.ul.pt

FORTUNATIANUS AQUILEIENSIS, *Commentarii in Evangelia = Commentaries on the Gospels*. Lukas J. Dorfbauer (ed.), Berlin – Boston, Walter de Gruyter GmbH, 2017 (*Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*; CSEL 103). 286 pp. ISBN 978-3-11-046966-0

Trata-se da primeira edição crítica do comentário mais antigo que se conhece na literatura latina sobre os evangelhos, de Fortunaciano de Aquileia. Segundo uma informação de S. Jerónimo (347-420) na sua obra *de viris illustribus*, este comentário terá sido escrito durante o reinado de Constâncio II (337-361). Deste comentário, dado como perdido, André Wilmart publicou dois excertos em 1920, descobertos no homiliário de Troyes (Bibli. Mun 653) e Bernhard Bischof, em 1954, publicou um terceiro excerto, encontrado num florilégio no manuscrito de Angers (Bibl. Mun 55). O autor desta edição crítica, Lukas J. Dorfbauer, descobriu em Outubro de 2012, em Colónia (K. Köln, Erzbischöfliche Diözesan- und Dombibliothek 17), um manuscrito que, embora sem indicação de autor, corresponde quer às informações de S. Jerónimo quer aos excertos publicados em 1920 e em 1954.

As informações disponíveis sobre Fortunaciano de Aquileia são muito escassas. Deve ter nascido no norte de África pouco antes de 300. Por aquilo que se pode colher do comentário, não parece que tenha recebido uma especial formação literária e retórica. Também não se sabe quando é que se tornou bispo de Aquileia. A primeira vez que aparece uma informação sobre este ministério é a sua participação no concílio de Sárdica que se realizou em 342 ou 343. Aquileia era, naquele tempo, uma das cidades mais importantes do Império romano do ocidente. Como bispo residencial, teve contactos com figuras proeminentes do seu tempo como Atanásio de Alexandria (296-373) ou Libério de Roma (352-366), mas também com os imperadores Constante e Constâncio II. Fortunaciano deve ter morrido o mais tardar em 371, porque temos a informação de que neste ano Valeriano já era seu sucessor como bispo de Aquileia.

Segundo S. Jerónimo, a redacção do comentário aos evangelhos deve ter acontecido durante o reinado do imperador Constâncio II, ou seja, entre 337 e 361. Não é possível uma datação mais precisa. O manuscrito que está na origem desta edição crítica encontra-se na biblioteca capitular e arquidiocesana de Colónia, na Alemanha (códice K) e contém o comentário aos evangelhos sinópticos, com particular desenvolvimento, embora não integral, do evangelho de S. Mateus, algumas partes de S. Lucas e de S. João, e nenhuma referência ao Evangelho de S. Marcos.

A recepção deste manuscrito foi muito limitada na antiguidade, tendo breves referências em S. Jerónimo e em Rufino (340-410), autores que provêm da mesma região de Fortunaciano, ou seja, de Aquileia. O próprio S. Jerónimo, na sua obra *de viris illustribus*, ao referir-se ao comentário de Fortunaciano, diz que se trata dum *brevi sermone rusticus*. A causa da reduzida recepção do texto, quase ignorado na antiguidade e totalmente depois, talvez esteja no facto de o seu autor o ter redigido para uso interno do clero de Aquileia, como subsídio para o estudo dos Evangelhos. De facto, não se trata do comentário a todo o corpo dos evangelhos sinópticos, pois a maior extensão é dedicada ao evangelho de S. Mateus, e mesmo aqui não à totalidade, mas a textos escolhidos, segundo um critério de certo modo aleatório. O comentário tem um objectivo bem definido ao serviço duma ideia de fundo: seguindo uma exegese tipológica e alegórica – que se inspira em Santo Ireneu (130-202) e em Orígenes (184-253), mesmo se Fortunaciano nunca refere as suas fontes –, mostrar como o judaísmo foi ultrapassado pela Igreja, que o *populus Iudaicus* foi substituído pelo *populus christianus*.

No que diz respeito ao uso das fontes evangélicas, Fortunaciano não se serve de uma edição dos textos dos evangelhos (que não havia), mas sim do recurso à *memória*, o que não é de surpreender, se tivermos em conta que este era o modo comum na Antiguidade em que os Padres sabiam de cor as Escrituras: os textos da Escritura eram para ser *escutados* e não lidos, e por isso aprendidos de cor, também por causa do *segredo do arcano*, para que os textos sagrados não caíssem em mãos profanas. O seu valor está sobretudo em ser o trabalho mais antigo deste género, em toda a literatura latina, o que tem seguramente interesse para todos os que cultivam o gosto pelos estudos literários e patrísticos da antiguidade cristã.

JOSÉ JACINTO FERREIRA DE FARIAS
CITER – Centro de Investigação em Teologia e Estudos da Religião
Universidade Católica Portuguesa
jacinto.farias@ft.lisboa.ucp.pt

M. BOTTAZZI, P. BUFFO, C. CICOPIEDI, L. FURBERTA, TH. GRANIER (orgs.), *La società monastica nei secoli VI-XII. Sentieri di Ricerca. Atelier jeunes chercheurs sur le monachisme médiéval, Roma, 12-13 giugno 2014*, Roma, Centro Europeo Recherche Medievali, École Française de Rome, 2016 (*Atti / Collection De l'École Française de Rome*; 10/515). 464 pp. ISBN 978-88-95368-25-2

Apresentou-se em 2016 um volume coletivo de estudos do primeiro “Atelier Jeunes chercheurs”, organizado pelo Centro Europeo Recherche Medievali (CERM) e pela École Française de Rome como resultado de um período de palestras a cargo de jovens investigadores italianos no âmbito da história medieval desenvolvidas entre 2013 e 2014. A motivação para o tema do primeiro volume que se espera vir a animar uma série *Atelier jeunes chercheurs sur le monachisme médiéval* parte de uma premissa inquestionável, bem assinalada pelos organizadores “il cristianesimo, non solo altomedievale, ma anche quello riformato, fu, a tutti gli effetti ‘monastico’ [...] come monastico fu il vettore di una più ricca cultura europea avviata con le conquiste saracene e normanne e con le prime crociate” (p. III).

Se o âmbito cronológico aparece definido no título da obra, a introdução afina o território de análise: os países do Mediterrâneo, lugar de encontro e de confronto de culturas diversas durante a Alta Idade Média. Apresentam-se, pois, dezanove estudos, não ordenados cronologicamente ou espacialmente, de acordo, portanto, com o propósito editorial de apresentar um volume de estudos “não estruturados” (sic, p. I), isto é, temos a impor-se ao leitor uma valorização unitária das peças académicas, na sua diversidade de temáticas, espaços e profundidade.